

ESPAÇOS CULTURAIS DO RECIFE COMO FERRAMENTA DE ENSINO E EDUCAÇÃO

Saulo Coutinho Valença Filho¹; Profa. Dra. Maria do Carmo Caldas Dias Costa²;

¹ Bolsista FACEPE do Laboratório e Museu de Arqueologia da UNICAP, saulocvf@gmail.com;

²Coordenadora do Laboratório e Museu de Arqueologia da UNICAP (Orientadora), mcarmoc@hotmail.com

Introdução

Os Espaços culturais são patrimônios destinados ao uso coletivo, voltados principalmente para a produção, criação, prática, acolhimento, divulgação e/ou comercialização de bens e serviços culturais, geridos por instituições públicas ou particulares. Esses espaços são importantes para que as pessoas possam participar ativamente do processo de inclusão artístico social, no sentido de promover mudança no desenvolvimento humano e psíquico social. Não é apenas uma área que abriga objetos. É um local aberto ao público, fundamental para que todas as pessoas obtenham mais conhecimentos históricos e culturais, sobre a preservação, a valorização da história e dos espaços.

Um Espaço Cultural, a exemplo do Museu de Arqueologia da UNICAP, é sempre um importante local para aprendizagem e entretenimento. Conscientizar o público acerca da cultura e da história é uma das suas principais funções. Considerando que compreendem uma valiosa fonte de conhecimento, sua utilização como tema para promover a educação de crianças, jovens e adultos, justifica-se por permitir que o aluno conheça história do Recife através da história dos Patrimônios Culturais da cidade, contextualizando-os no tempo histórico, entendendo a sua importância e, assim, valorizar e preservar os espaços para que haja a continuidade da divulgação cultural.

Objetivando a produção de material didático para subsidiar minicursos de Educação Patrimonial voltados para crianças, oferecidos pelo Museu de Arqueologia da UNICAP, realizou-se um levantamento bibliográfico acerca da história, caracterização e funcionalidade de alguns dos Espaços Culturais do Recife tombados como Patrimônio Cultural.

Metodologia

A metodologia incluiu revisões bibliográficas sobre a história, caracteres arquitetônicos e funcionalidade de alguns dos Espaços Culturais do Recife. Entre os quais, o Palácio da Soledade, o Teatro de Santa Isabel, o Cine Teatro Apolo, o Espaço Pasárgada, a Casa Museu Gilberto Freyre, o Museu da Abolição, Museu do Estado e o Cinema São Luiz foram utilizados como substrato para elaboração de ações educativas (FRANCA, 1977; FONSECA, 1986; MOURA, 1991; BORGES, 2000; GALVÃO, 2006; SILVA, 2008; GASPAR, 2009). Visando embasamento para elaboração das estratégias pedagógicas para a exposição do conteúdo teórico e prático, foi realizada uma breve revisão de publicações acerca de métodos e técnicas de ensino voltados para crianças (TELES, 1992; MARCELINO, 1995; FREIRE, 1996; KRAEMER, 2008; CORTELLA, 2014).

A definição do público alvo determinou a escolha da linguagem e da metodologia utilizadas nas aulas teóricas e nas oficinas. Para as aulas teóricas adotou-se o recurso audiovisual utilizando personagens em uma linguagem dialogada em que os conhecimentos acerca dos espaços culturais iam sendo repassados através de uma linguagem lúdica. Nas aulas teóricas buscou-se estimular a curiosidade das crianças como forma de manter o interesse e a concentração durante a recepção do conteúdo. A duração da exposição dos conteúdos não ultrapassou trinta minutos, abrindo-se espaço para perguntas e discussões sempre que requisitado pelas crianças.

As oficinas buscaram a aplicabilidade do conhecimento juntamente com o reforço dos conteúdos teóricos de forma a garantir a continuidade do ensino-aprendizagem, mantendo o interesse e saciando a curiosidade despertada. Foram elaborados para as oficinas jogos da memória e jogos de tabuleiro. Além disso, foram criados especialmente para fixação de conteúdos, perguntas relacionadas ao conteúdo que foram aplicadas na dinâmica de grupo com jogos (da força e "quizz"). Os alunos foram divididos em duas equipes de sete participantes, acompanhados por dois monitores que garantiram a interatividade de todos, entre si e com os monitores.

Para avaliação do curso as crianças responderam a dois questionários: um deles para avaliar o grau de satisfação no curso e um outro para avaliar o índice de aprendizado

promovido pelas ações pedagógicas. No primeiro questionário as crianças responderam perguntas que avaliaram a sua satisfação pelo tema do minicurso, a metodologia aplicada nas aulas e nas oficinas, a sua compreensão do tema, a participação dos monitores, a duração do curso (5 dias), a pretensão de indicar o curso para os seus colegas e se gostariam de serem avisado sobre outros cursos. Os questionários exibiam um campo aberto para sugestões. O questionário destinado a avaliação do aprendizado foi aplicado no início e no final do curso, nos quais solicitou-se aos alunos: a) Definição de Patrimônio Cultural; b) Classificação dos Patrimônios Culturais quanto a materialidade; c) Definição de Patrimônio histórico; d) Definição de Espaço Cultural; e) diferenciação entre Espaço Cultural e Patrimônio Cultural; f) Definição de Patrimônios Vivos; g) importância do tombamento; h) importância da preservação dos patrimônios. A quantificação das respostas obtidas nas duas avaliações permitiu estabelecer conclusões acerca da eficiência da linguagem, adequação dos recursos pedagógicos, duração do curso e escolha do público alvo para o trabalho do tema.

Resultados e Discussão

Durante as aulas teóricas as crianças interagiram com os monitores e entre si, mostraram interesse pelo tema e algumas contribuíram com informações acerca dos Espaços Culturais que já conheciam. Durante as oficinas a participação e o interesse constante das crianças foram atribuídos à eficiência dos recursos didáticos escolhidos para as aulas e oficinas, bem como as constantes intervenções dos monitores, estimulando a curiosidade dos alunos, parabenizando-os pelos acertos e reforçando os conceitos para esclarecimento de dúvidas e fixação do aprendizado. A experiência vivenciada em sala comprovou o que dizia Paulo Freire acerca da importância de bom clima pedagógico-democrático, no qual o educando vai aprendendo a medida que põe em prática conceitos absorvidos, exercitando sua curiosidade e liberdade no exercício do aprendizado (FREIRE, 1996).

Ainda, considerando as observações de Kraemer (2008) e Cortella (2014), quando chamam a atenção para as multiplicidades de informações e tecnologias que exigem da escola uma mudança de comportamento para adequar-se aos anseios do alunado, é que se optou por utilizar vários recursos didáticos, um ambiente

descontraído e pelo repasse do conhecimento buscando, a todo tempo, a correlação do conteúdo com o meio social correspondente aos Espaços Culturais recifenses. Isto é, aproximar a criança dos Espaços Culturais recifenses passou a ser uma alternativa para promover a educação patrimonial e ao mesmo tempo fazê-las apropriarem-se desses espaços como um local onde suas curiosidades possam ser satisfeitas.

A análise dos questionários de avaliação de satisfação do curso e do nível de aprendizado, aplicado a 14 crianças na faixa etária de 7 a 13 anos, propiciou o *'feedback'* necessário a reflexão sobre a temática do curso e sua adequação a faixa etária do público alvo, a avaliação da metodologia aplicada nas aulas teóricas e oficinas e a avaliação da eficiência da linguagem lúdica utilizada em ambos os momentos do curso.

Os resultados da análise quantitativa do questionário para avaliação de satisfação com o curso indicou que: a) 62% dos alunos acharam excelente ter conhecido os Espaços Culturais e 38% acharam bom; b) 38% dos alunos acharam excelente os jogos e atividades utilizados nas oficinas, 54% acharam bom e 8% acharam razoável; c) 54% dos alunos acharam que a sua compreensão do conteúdo foi excelente, 38% acharam que sua compreensão foi boa e 8% dos alunos acharam que sua compreensão foi razoável; d) quanto ao desempenho dos monitores, 77% dos alunos acharam excelente, 15% acharam bom e 8% acharam razoável; e) A duração do curso foi considerada por 69% dos alunos como excelente e 31% considerou a duração do curso boa; f) quando perguntados se pretendiam indicar o curso aos colegas, 77% responderam que sim e 23% responderam que não; g) quando perguntados se gostariam de ser avisados sobre outros cursos, 77% responderam que sim e 23% responderam que não.

A análise dos questionários de entrada e saída do curso para avaliação do aprendizado, mostrou os seguintes resultados: a) quando questionados sobre o que é um Patrimônio Cultural, obteve-se 36% de acerto na entrada e 50% de acerto na saída; b) quando perguntados sobre materialidade do patrimônio, obteve-se 43% de acerto na avaliação de entrada e 57% na avaliação de saída; c) quando questionado sobre conceito de Patrimônio histórico, obteve-se 71% de acerto na entrada e 86% de acerto na avaliação de saída; d) quando questionado sobre o conceito de Espaço Cultural, obteve-se 57% de acerto na entrada e 86% de acerto na avaliação de saída; e) quando

questionados sobre exemplos de Espaços Culturais, obteve-se 21% de acerto na avaliação de entrada e 50% de acerto na avaliação de saída; f) quando questionados sobre o conceito de Patrimônio Vivo, obteve-se 14% de acerto na entrada e 36% de acerto na saída; g) quando questionados sobre a função do tombamento e a importância da preservação, obteve-se resultados equivalente na entrada e saída na ordem de 75%.

A temática do curso “Espaços culturais como ferramenta de ensino e educação” mostrou-se eficiente no processo de ensino, tendo em vista que despertou a curiosidade e o interesse das crianças que, em maioria, disseram ter considerado excelente conhecer e estudar os espaços culturais do Recife.

Apesar de ter despertado o interesse e a curiosidade dos alunos, a adequação do tema a faixa etária parece não ter sido muito satisfatória tendo em vista que a amplitude da faixa etária (7 a 13 anos) dificultou em muito a ação dos monitores e promoveu grande demanda dos mesmos para conseguir manter a concentração das crianças mais novas. A metodologia aplicada com utilização de jogos e atividades lúdicas nas aulas teóricas e oficinas mostrou-se eficiente a faixa etária e adequada ao repasse e fixação do conhecimento.

Conclusões

A utilização do estudo de espaços culturais como ferramenta para o ensino e a educação patrimonial é recomendada por se tratar de um tema que permite implementação de técnicas de ensino diversas, bem como a possibilidade de adaptação das mesmas a diferentes faixas etárias desde que mais restritas.

Novas análises serão necessárias para confirmação das reflexões obtidas nesta primeira etapa e para tanto, novos cursos serão oferecidos a alunos de faixas etárias maiores (10 a 14 anos) para tornar possível um estudo comparativo com os resultados da primeira etapa do projeto etapa.

Referências

BORGES, G. R. Teatro de Santa Isabel: nascedouro & permanência. Recife: CEPE, 2000.

CORTELLA, Mario Sergio – Educação, escola e docência: novos tempos, novas atitudes. São Paulo: Cortez, 2014.

FONSECA, E. N. O Recife de Manuel Bandeira. Recife, Pool Editora, 1986.

FRANCA, R. Monumentos do Recife. Recife, Governo do Estado de Pernambuco, Secretaria de Educação e Cultura, 1977.

FREIRE, Paulo – Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. 49ª Ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

GALVÃO, S. V. Dicionário Corográfico Histórico e Estatístico de Pernambuco. 2º Ed. Recife: CEPE, 2006.

GASPAR, L. Teatro Apolo, Recife. Pesquisa Escolar On-Line, Fundação Joaquim Nabuco, Recife. Disponível em: <<http://www.fundaj.gov.br>>. Acesso em: 16 jan. 2014.

GASPAR, L. Teatro Apolo, Recife. Pesquisa Escolar Online, Fundação Joaquim Nabuco, Recife. Disponível em: <<http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/>>. Acesso em: 16 de maio de 2014.

KRAEMER, Maria Luiza. – O educador criativo. São Paulo: Paulus, 2008.

MARCELINO, Nelson Carvalho. – Lazer e educação. 3ª ed, Campinas, SP – Papirus; 1995.

MOURA, I. Palácio da Soledade: um patrimônio de Pernambuco mostra amanhã sua nova face. Recife, Diário de Pernambuco: caderno viver, p. B-1, 22 de fevereiro de 1991.

SILVA, L. D. Pernambuco Preservado – 2. ed. Recife, Governo do estado de Pernambuco, 2008.

TELES, Maria Luiza Silveira. Educação: a revolução necessária. Petrópolis, RJ: Vozes, 1992.